

# OPERA

REVISTA  
Semana  
DE  
CRITICA  
POLITICA  
ARTES, LETRAS  
e  
COSTUMES



# PORTUGUEZA

Director—MARCULLINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO Typ. e lith. R. de Sousa & Salles R. N. do Loureiro, 25 a 39

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 12000 réis	Brazil, anno (52 numeros)..... 22500 réis
Semestre (26 numeros)..... 6500 réis	Africa e India Portuguesa, anno... 12000 réis
Cobrança pelo correio..... 3100 réis	Estrangeiro, anno (52 numeros)..... 12500 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º



JOSE MARIA LISBOA

### JOSÉ MARIA LISBOA

Compositor e typographo em menino, escriptor em moço e jornalista na idade madura, José Maria Lisboa, o do *Popular*, deve o seu grande nome a um trabalho indefesso, a uma fé inquebrantavel, a um ideal levantado e a um caracter lidimo, bem servido por uma intelligencia clara.

Portuguez de nascimento e de coração, assim se conservou e viveu até agora, não dando albergue nos seus jornaes — *Provincia*, *Diario Popular* — a ataques de jacobinos, e além d'isso protegendo as associações e as obras dos seus patricios. Como jornalista, o decano da imprensa paulistana, tem no *Popular*, que fundou em 1884, a expressão viva da sua pessoa — abrangendo e criticando actos e personagens sem azedume nem paixão, e avaliando as sciencias e as artes com um criterio inteiramente moderno e vivo.

Abençoados 70 annos, que tão fecundos são!



### CASOS E COISAS

#### Finados e corôas.

O dia de finados é entre nós o que ha mais tristemente desolador, e mais inexpressivo, a coisa de mais chata significação. Vive d'uma tradição, apagada successivamente pelo desarreigar lento da creença, que degenerou n'um habito banal, e por esta corrupção de costumes que abandalha a familia e desantifica o lar, transformando-o n'uma reunião occasional e fortuita.

D'ahi vem que, o que parte da terra, leva como acompanhamento — em geral — a satisfação dos que ficam por se verem livres d'elle; e já agora (a moda franceza) a substituir lagrimas e intimos soluços, uma colleção mais ou menos ridicula de corôas funebres.

Fazer derivar o culto intimo da saudade para o culto externo da corôa ridicula, que simula luctos e significa prantos, é fazer descer, entrar no dominio da especulação, da analyse publica, a parte mais nobre do coração, o sanctuario tres vezes sagrado de: bondade, do amor e da saudade.

É preciso abolir, acabar com essa ultima e comica importação estrangeira da corôa funebre.

Nada mais banal, mais chato, mais idiota, do que mandar pôr sobre o caixão d'um morto, uma libra ou duas de lagrimas, representadas n'uma corôa de violetas de papelão, de saudades de papelão ou de goivos de cera.

A falsidade da dôr ressumbra na banalidade vulgar do objecto offerecido; e ha alguma coisa de escarneo para um cadaver em cercal o de presentes falsos, de flores artificiaes, cingidas em arco ou enramadas em corôa.

Quanto mais expressivo e leal não será, pregado na tampa d'um caixão, um ramo de flores naturaes, simples, perfumadas, fazendo do perfume a voz do sentimento que alli as collocou?

E senão diga-me alguém: n'essa alluvião de corôas expostas em reclamo pomposo pelas montras da cidade, quem vê uma unica que tenha a mais insignificante parcella de arte, a mais primitiva significação de sentimento?

Um typo fundamental, o circulo de violetas, de

hera, de margaridas, de clematites, de rosas, de toda a casta de flores e de folhas, umas fitas pendentes, com inscripções, e eis tudo.

Tamanhas como a copa d'um chapeu ou grandes como a roda d'um carro, e eis o ponto de discordancia d'estas celebres e comicas peças de fanzaria, armadas á confiada estupidez do maior numero, e creadas de certo no cerebro d'um gato pingado, em locubraciones metaphysicas sobre a dôr!

A corôa funebre dá-me a impressão da dôr de encomenda, dôr que se fabrica para os olhos dos outros verem como um par de botas, ou como se arma um chapeu de senhora representativo do fino gosto da dona.

É assim que, quando passa por deante de mim um feretro, sob uma montanha de corôas de todos os feitios e côres, enquanto a multidão anonyma pasma do esplendor das fitas e da exuberancia das flores saídas dos jardins e dos parques occultos das lojas de modas e dos logares de bijouterias, me occorre ao espirito a idéa de que fazem ao cadaver o que lhe hão feito em vida. O quê? Carregam-no de falsos protestos, de affectos artificiaes, de enganosos preitos.

Na morte como na vida: envolvido na mentira, no artificio, na apparencia enganosa!

A verdadeira dôr tem o recato pudico das sensitivas, retrae-se ao contacto do mundo externo. Explana-se, amplifica-se, avigora-se, no olhar, na analyse dos indifferentes; não é dôr é formula! não é dôr é comédia! Depois a flor artificial, por extremamente duradoura, dá-me ainda a nota real d'um cynismo e egoismo revoltantes. Collocal-a sobre um túmulo é como se dissesseis ao morto: meu amigo, se te trouxesse flores naturaes para mostrar a vitalidade da minha pena e magua saudosa teria de vir renoval-as de dois em dois dias: isso seria uma grande massada; fica-te com essas que durarão sempre lindas, enquanto se te desfaz a carcassa, e em que toda a gente lera a penitencia da minha saudade, na conservação da petala e na leitura das dedicatorias adjunctas.

Nada mais pelintra como significação de dôr, nada mais comico como demonstração de sentimento!

É preciso abolir a corôa funebre artificial, é preciso matar essa vaidade que começa a invadir o cerebro de todo o burguez rico — o de ir coroadado por o túmulo! Eu sei que a realza sob qualquer forma fascina; mas será bom matar pelo ridiculo estas coroações postumas, decepar pela gargalhada e pela satyra as cabeças cadavericas d'estes reis Bobéches da morte.

Tudo isto a proposito do dia de finados, entre nós. A demonstração de respeito da população resume-se no andarem pelas egrejas as damas em luto fazendo visitas. É o termo: visitar as egrejas. Não é bem as egrejas, é os santos, creio eu. Entram: mesura para aqui, mesura para alli, como quem diz: Senhor S. Francisco passasse muito bem; como está vossencia senhor S. Paulo; excellentissima senhora das Mercês tenha vossa excellencia muito bons dias. Ajoelham um bocadito a observar as *toilettes* das visinhas, riem á socapa d'un laço ou d'um chapeu, benzem-se, levantam-se, concertando o *tournaire*; e ellas ali vão para a egreja immediata renovar estas piedosas praticas em favor das almas dos parentes ou amigos, que aquella hora jazem nas penas do purgatorio.

Que felizes almas e como ellas não agradecerão a Deus o ter-lhes concedido na terra a graça de taes parentes!

Ao criterio ninguem vae. A romaria piedosa até ao logar onde jaz a pessoa querida, d'uma alta significa-

ção moral e educativa, não existe entre nós. Temos o maior desprezo pelos mortos: um nosso adagio popular injuria até o cadaver n'um dispaudio inconcebível. Não se pode citar.

A religião catholica fez do cemiterio um lugar sinistro, do morto um motivo d'horror; creou a lenda lugubre, o horror da morte. Fugimos do cemiterio. Lá fóra o dia de finados é o dia consagrado aos mortos: visitam-nos, levam-lhes flores. Fazem-se enormes romarias piedosas. Entre nós as manifestações limitam-se aos actos apontados da parte feminina da população; a masculina, na maioria, é composta de espiritos fortes, de homens superiores para quem estas banalidades são inaceitaveis.

Ha porém uma individualidade collectiva que salva, nos paizes como o nosso, o bom nome da patria ante a critica dos estranhos.

É o governo. Esse camaleão constitucional de sete cabeças e quatorze pernas tem na mão o grande remedio.

Faz-se parente de todos os mortos; arroga a si o dever de todos os sentimentos individuaes e prohibe os espectaculos publicos!

Decreta o aborrecimento, decreta a unção, decreta a lagrima!

Os mortos devem ter uma grande veneração por esta collectividade, que assim os lisongeia. E tem-na decerto: é por isso que, — nas eleições — muitos d'elles, agradecidos, vem votar com os governos.

Sempre originaes e alegres... os portuguezes! — até na morte!



#### A proposito do «charivari» na pseudua Associação dos Barbeiros.

O povo barbeiral assignalado  
Na rapadella á barba luzitana.  
Que, deixando a navalha, traste honrado  
Quando não faz buraco em tripa humana;  
É que, entrando a enganchar palavreado,  
Chega até a perder a tramontana.  
Cantando espalharei pelo universo  
A laia de Camões a fazer verso.

Cesse a guerra de gregos e trojanos  
De que muitas patranhas se escreveram,  
Cale-se a immensa fama dos *bananos*  
Com que antigos Roldões se enobreceram;  
Ninguem fale em Sansões, todos ufanos  
Do queixo burriscal com que venceram.  
Cesse tudo que a musa antiga espalha,  
Que eu canto a rija, barbeiral batalha.

Eu vos saúdo aqui, gentes honradas  
E do progresso insignes cavalheiros,  
Porque, tendo as navalhas afiadas,  
Usastes de garrafas e tinteiros:  
Recorrestes ás duras bengaladas,  
P'ra dar lições de logica aos parceiros...  
E lá dizia um padre, homem rotundo,  
Ser esta a melhor logica do mundo.

Iria por *deante* esta influencia  
De desandar atroz pancadaria,  
Se a policia arvorada em Providencia,  
Não deixasse uma vez de ser tardia:  
Esta patenteou sua eloquencia,  
E caridosa, como lhe cumpria,  
Levou os arrombados nas costellas  
A casa onde se curam as mazellas.

Mas ai! que se entornou o meu tinteiro  
E não posso dar fim a esta Epopéa,  
Em que se acclama o nome de barbeiro,  
Eterno indagador da vida alheia,  
Ponto final, acode-me ligeiro,  
E possamos dizer á bôcca cheia...  
Que se a navalha entrasse n'esta dança  
Inda o sangue alastrava a visinhança.



Consta-nos que o governo vae agraciado com a grã-cruz da Torre e Espada o sr. conselheiro José d'Azevedo pela heroica victoria que sobre si mesmo alcançou, passando fome e outras miserias durante a sua embaixada na China, com a mensalidade de... doze contos de réis.

Vê-se pois que as *Novidades* tinham razão, quando descreviam de modo tão positivo e tão tetrico a vida de martyrios do nosso ingenuo e heroico embaixador!

#### Coitadinho do homem

Não chorar é ser alarve:  
Zé de Azevedo (oh! mofina!)  
Passou as passas do Algarve,  
Sabem aonde? — Na China.

A sua desgraça atroz  
Levou-o por maus caminhos!...  
Chegou a comer arroz,  
Sabem com qué? — Dois pausinhos!

Admirou quanto ha bonito  
Na magestosa Pekin,  
Mas não andou (coitadito!)  
Uma vez de palanquim!

Não viu d'uma só chineza  
O pé, que quer microscopio...  
Nem chupou á sobremeza  
As bellas bolinhas de opio!

Pensando aqui muito á séria,  
Leitor sensato, vereis  
A quanto chega a miseria  
De dôle contos de réis!!!



#### O café.

Agora diz-se que se descobriu a falsificação do café. Esta descoberta da falsificação do café deve pois assentar-se em Lisboa, que foi feita quatrocentos e dois annos depois da descoberta do Brazil, por Pedro Alvaros Cabral.

Já é ingenuidade. Em rarissimas casas da capital, casas publicas, se bebe café puro; passam dezenas de annos e de repente descobre-se que se falsifica o café!

Mas esperem ahí um reaz e verão como os donos das mercearias vêm provar, com analyses laboratoricas, que o café que vendem é purissimo.

O café, ó senhores, mas que admira se até se falsificam a indignação e o espanto.

Deixem falsificar, senão como se havia de tomar o café de *lepes*?

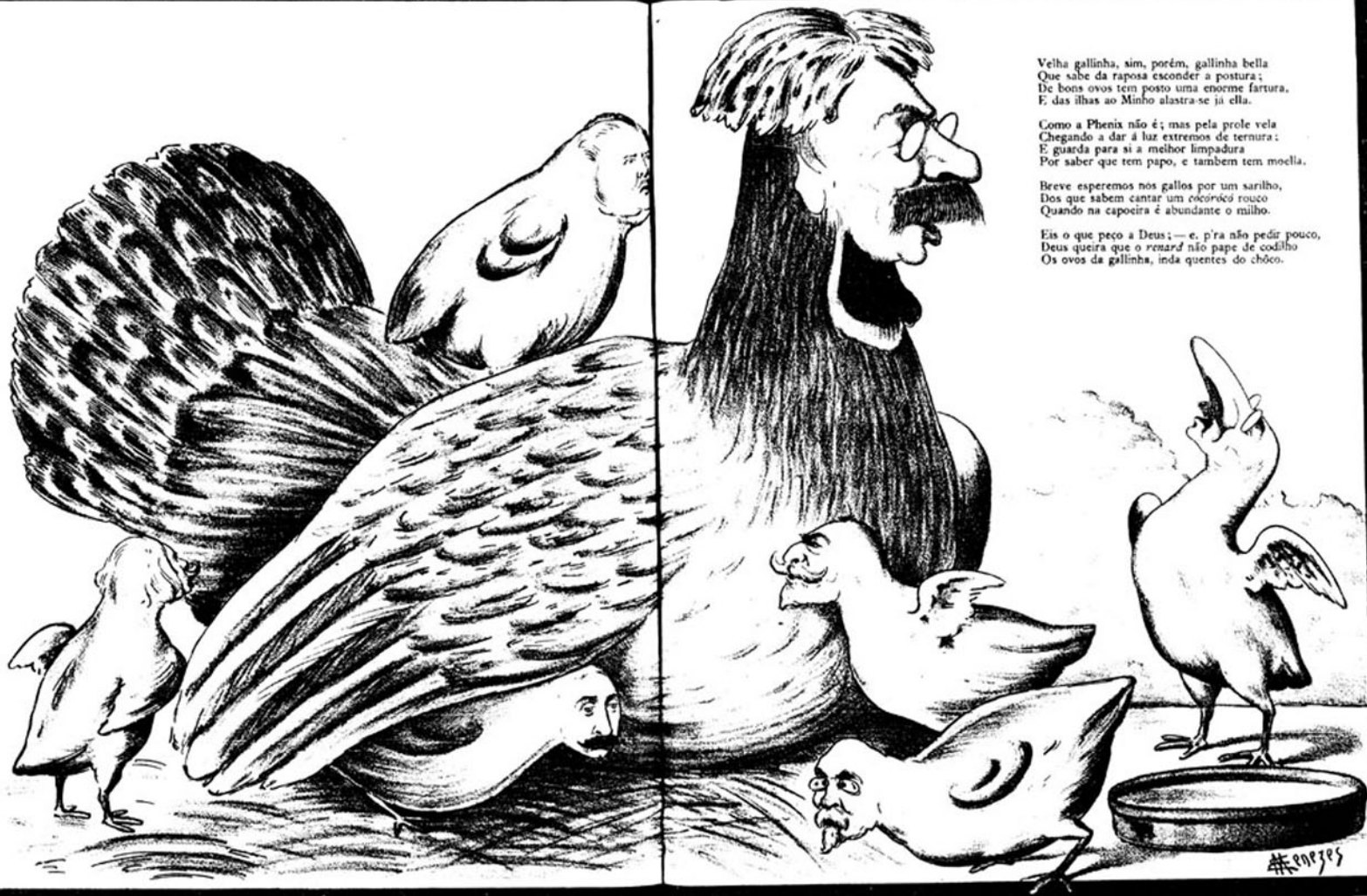
Nem todos são ministros n'este paiz, nem embaixadores na China.



Quando os *bois mansos* se tresmalharam em Alcantara e fizeram das suas, houve quem pensasse que havia crise ministerial e que a opposição pinchava.

Diz-nos porém um progressista que não, que era a maioria governamental perdida das chocas.

# A GRANDE GALINHA E A NINHADA



Velha galinha, sim, porém, galinha bella  
Que sabe da raposa esconder a postura;  
De bons ovos tem posto uma enorme fartura,  
E das ilhas ao Minho alastra-se já ella.

Como a Phenix não é; mas pela prole vela  
Chegando a dar á luz extremos de ternura;  
E guarda para si a melhor limpadura  
Por saber que tem papo, e também tem moella.

Breve esperemos nos gallos por um sarinho,  
Dos que sabem cantar um cocoróco rouco  
Quando na capoeira é abundante o milho.

Eis o que peço a Deus: — e, p'ra não pedir pouco,  
Deus queira que o retard não pape de codilho  
Os ovos da galinha, inda quentes do chôco.





### Conversa de bisbilhoteiras

Ora que Deus a salve, illustre D. Brites;  
Tem passado melhor d'aquelles seus palpites?

BITES

Ora deixe-me cá, senhora D. Ismenia!  
O medico *inté* diz que me atormenta a tenia!...

ISMENIA

Bem sei o que isso é: — uma grande lombriga  
Que lhe anda a passear por dentro da barriga.  
Muitas já tenho tido a mordiscar-me o buxo.  
Mas alguém me ensinou certo remedio bruxo...

BITES

E deu-se bem, não deu? Levou a cura ao cabo?

ISMENIA

Com a ajuda de Deus, da bruxa e do diabo.

BITES

E já ouviu falar d'aquelle desgraçado.  
Que feito *lambishome*, anda a correr o fado?

ISMENIA

'Stou farta de saber o caso todo inteiro:  
Se o *lambishome inté* é cá o meu padeiro!  
Tanta mixórdia fez, tamanha berundanga.  
Uma fada qualquer tomou-lhe tanta zanga  
Que o metheu a cumprir o seu negro fadario.

BITES

Para os outros assim o mesmo é necessario!  
A gente a comer pão feito de pau já velho!!!

ISMENIA

E muita vez *inté* de raspa de chavelho!!!

BITES

Porém nem um padeiro eu vejo na enxovia!!!

ISMENIA

É que no tal negocio ha muita bruxaria;  
E nos tempos, que vão correndo tão fataes,  
Se muito podem leis, as bruxas podem mais.  
E que me diz *tamem* da insigne patarata  
De andar leite a vender depois de não ter nata.

BITES

Por isso é que um rapaz, que d'antes era um *Herculos*,  
Mostra o bofe ao doutor minado de *tuberculos*!

ISMENIA

Mas já démos demais, visinha, á taramella,  
E eu tenho d'ir cuidar no arranjo da panella.  
Adeus! Adeus! Adeus! Diga ao primo *Thiadoro*  
Que a filha emmagreceu por causa do namoro.  
E que aquelle rapaz, de que ella gosta tanto,  
Muita coisa tera... mas não cara de santo.

BITES

Adeus! Venha amanhã, assim de manhãzinha,  
Que temos que falar nos luxos da visinha.

ISMENIA

Essa *tamem* saiu uma bonita prenda!...  
Bem lhe préga o *papá*... mas ella não se emenda,

BITES

Nós é que andamos bem... caladas como rato.

ISMENIA

E indague quem quizer onde é que está o gato.

### Jardim de Epicuro.

É costume elogiar a Prudencia, elevar esta qualidade até ás nuvens. Não ha especie de elogios que lhe não tribuem: ella será a regra das nossas accções e da nossa conducta; ella é dispensadora da fortuna, presidindo ao destino dos imperios. Sem ella alcançar-nos-hão todos os males, com ella visitar-nos-hão todos os bens. Dizia, outr'ora, um poeta, a quem possuir a prudencia não faltaria nenhuma divindade, para significar que nós encontramos na prudencia todo o socorro que pedimos aos deuses.

A verdade, porém, é que a mais consumada prudencia não poderia, só por si, assegurar-nos a menor vantagem no mundo: porque, trabalhando sobre uma materia tão variavel e desconhecida como é o homem, ella não pôde executar, seguramente, nenhum dos seus projectos.

D'isto se conclue que todos os louvores, com que embellezamos a nossa prudencia, não são senão effeitos do nosso amor proprio, que a si sempre se applaude por todos os modos e em todos os casos.

Todos concordam que o segredo deve ser inviolavel; mas na importancia e natureza do segredo, não todos. Nós proprios nos consultamos, muitas vezes, sobre o que devemos dizer e o que devemos calar.

Ha ligações intimas com amigos cuja fidelidade conhecemos; podemos ter para elles segredos que lhes conviria conhecer, e encontramos-nos assim na cruel necessidade de perder a sua amizade ou de faltar á fé do segredo.

Esta é a mais rude prova da fidelidade. Coisa alguma em nós, gestos, palavras, poderá conduzir a uma revelação do que se deve occultar.

O seu direito á nossa confiança não existe.

Se se lamentarem, oiçam-se os seus lamentos e sofram-se; se forem injustos, deve sacrificar se a sua amizade ao nosso dever, e escolher entre dois males inevitaveis aquelle que tem remedio.

L. R.



### Os Barateiros dos Anjos.

Damas, que tanto esmeraes  
Vossos caseiros arranjos.  
Vinde ás modas sem eguaes,  
Dos *Barateiros dos Anjos*.

Esta casa é um primor:  
— Tem o que vende o *Fanqueiro*,  
O que vende o *Mercador*,  
E o que vende o *Retrozeiro*!

D'esta casa a barateza  
Conquistou-lhe aureo trophéu;  
E chega a causar surpresa  
Aos proprios *Anjos* dos Ceus!

Povo! que a todos apraza  
Vir cá pela primeira vez.  
Pois daes a certeza á casa  
De não perder um freguez!

O medico Eduardo Silva, com consultorio na praça de Camões, tinha entre a sua numerosa clientela o fallecido general Queiroz, o visconde de Coruche, a viscondessa de Melicio e dois medicos, um de Coimbra e outro de Extremoz! Não se percebe por isto, porque o querem prender.

Tem elle porventura a culpa de ser medico? de fazer clinica? E os clientes? Quando se vae a uma casa prohibida arrisca-se toda a gente a ser filada pela policia.

Se querem prender o dono da *batota* medica, prendam os pontos — os clientes.

E da logica.

Os corredores de automoveis começam agora a invadir as estradas e a causar desastres.

Já os tem feito e não serão poucos os que hão de vir.

Na corrida de segunda feira foram prevenidos os parochos das freguezias para avisarem o povo, que tivesse cautella nas estradas.

Isto é uma d'estas injustiças que revoltam. Então os que trabalham, os que moirêjam, hão de estar às ordens dos que se divertem?

Como é que se consentem correrias doidas pelas estradas, sem utilidade publica, sem serem por publica necessidade?

Pois a vida, os animaes, os carros de cada um é que hão de andar a fugir dos senhores, que por mero capricho de ricos, resolveram assenhorear-se dos caminhos?

E' este um abuso revoltante, que é preciso cohibir absolutamente.

Quem é doido e preciza andar a correr, sem destino, cem kilometros á hora, so para chegar a qualquer parte, vá para a Africa para o Sahara, para o deserto, ou para o diabo, e deixe em paz os que luctam e trabalham.

Fujam das estradas, que querem passar os doidos!... Esta não lembra a ninguém.

Mas faz-se li fora... Ah! sim.



#### Rua dos Condes

O *Poeta Bocage* é uma d'essas profanações, que só se explicam pelas audacias da ignorancia. Bocage em opereta a poucos lembraria; mas Bocage achincalhado, feito miseravel, pedindo de comer, dizendo vilanias em prejuizo da sua amizade por André da Ponte, e cobrindo esta baixeza toda com sonetos e quintilhas, é realmente forte, é realmente demais.

A figura historica do espirito adiantado, do poeta revolucionario, do lyrico apaixonado, desapareceu ante um versejador mendigo!

A musica é muito melhor do que o texto, apesar de umas reminiscencias do *Rei de Lahore*, do *Fausto*, etc., e de um rythmo de lundum e de machiche, que nos transporta aos batuques africanos ou ás danças brasileiras, deslocadas em scena genuinamente portugueza.

Quanto ao desempenho, José Ricardo vai bem como Bocage (o da peça). Sá canta bem como André da Ponte, Loppiccolo muito bem como Giuseppina e Aragonez igualmente como Rita. Silva foi um verdadeiro actor como geral.



#### Expediente

**Aos nossos correspondentes das provincias pedimos a fineza de mandarem liquidar as suas contas do trimestre findo.**



#### MOTE

*Quem acredita n'uns olhos  
E' que se quer enganar:  
Ha olhos que sempre enganam  
Ou a rir ou a chorar.*

M. M.

#### GLOSA

Diz um antigo rifão  
Que já 'stou farto de ouvir,  
Que os labios sabem mentir  
E os olhos não sabem, não:  
Mas, se o ajuda a razão  
D'esta vida entre os abrolhos,  
Se vive n'um mar de escolhos  
D'onde salvar-se deseja,  
Por muito crente que seja,  
*Quem acredita n'uns olhos?*

Se lhe' ofertamos leal  
Adoração a mais pura,  
Podem dizer-nos ternura,  
Mas escondendo o punhal:  
Podem mentir no final  
De prometter muito amar;  
Quem teima em os adorar  
Dando-lhes d'alma os alentos,  
E' que se arrisca a tormentos,  
*E' que se quer enganar!*

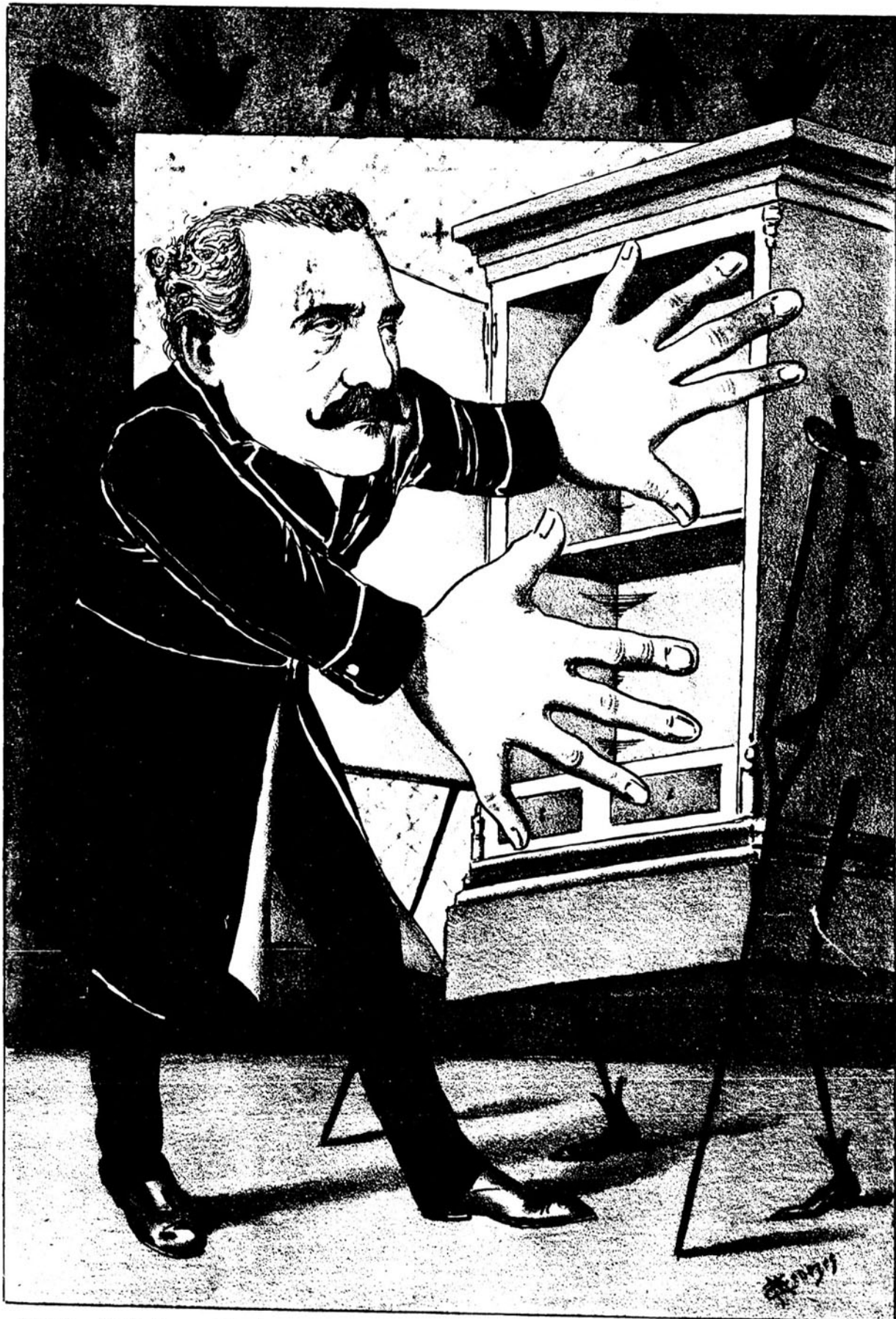
Se ha olhos de verde esp'rança  
Que a luz de estrellas reflectem,  
E que na vida promettem  
Um mar de eterna bonanca;  
Se ha olhos que dão lembrança  
De söes que nunca se empanam;  
Se ha olhos, os quaes se ufanam  
De traduzir a verdade,  
Tambem na maior beldade  
*Ha olhos que sempre enganam!*

Se vês que chora essa bella  
Que adoras mais do que tudo,  
Faz em seus olhos estudo  
Para depois creres n'ella:  
Se ri, emprega cautella  
Em seu riso examina:  
Pois, por condão singular,  
Arte de fino diacho,  
Sempre a femca engana ao macho  
*Ou a rir ou a chorar!*



# O estado do cofre do Estado

(No consultório do Dr. Eduardo Silva)



DOENTE — Então dr., que tal acha o meu estado?

DR. SILVA — Acho o seu Estado em muito mau estado, mas em todo o caso, vou-lhe *pôr as mãos*...

DOENTE (*assustado*) — Pelo amor de Deus, não me faça isso!!!... Por causa de tantos me *porem as mãos*, é que eu estou assim, mettendo os *pés pelas mãos*...

# Comédia

# PORTUGUEZA

Director — MARCELINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR: Antonio da Fonseca e Sousa  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: T. DA BOA HORA, 39  
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO: Typ. e lith. R. de Sousa & Salles, R. N. do Loureiro, 25 e 34

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros) .....	1.800 réis	Brazil, anno (52 numeros) .....	2.500 réis
Semestre (26 numeros) .....	900 réis	Africa e India Portuguezas, anno .....	1.400 réis
Cobrança pelo correio .....	100 réis	Estrangeiro, anno (52 numeros) .....	1.600 réis

Toda a correspondencia dirigida à Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º

Semana de CRITICA POLITICA, LETRAS, ARTES, e COSTUMES



GUILHERME GOMES FERNANDES



## GUILHERME GOMES FERNANDES

Perto da uma hora da madrugada do dia 31 de novembro que passou, morreu no hospital de S. José, em consequencia da operação da tracheotomia, preparatoria de outra que se não chegou a realizar. Guilherme Gomes Fernandes, uma das individualidades mais sympathicas e mais queridas na capital do norte. Em todo o paiz era conhecido Gomes Fernandes como um valente, com um levantado e generoso coração, como um cavalheiro, na mais alta e mais genuína acceção da palavra.

Novo ainda, 53 annos, toda a sua vida é um exemplo de dedicação, como commandante dos bombeiros voluntarios do Porto, e como organisador dos serviços de segurança da mesma cidade.

Citaram-lhe todos os jornaes actos de valentia, rasgos de coragem, impulsos patrioticos. Na vida publica, na vida intima, na convivencia os amigos choram as maravilhas do seu caracter e do seu coração.

Não se pôde nunca ser-se assim estimado, sem uma voz discordante, sem que se possua de verdade uma bella alma de homem, ornada das melhores prendas de caracter.

A individualidade de Gomes Fernandes era muito conhecida no estrangeiro, onde levára os seus bombeiros a gloriosas batalhas, que lhe grangearam os maiores elogios e as mais altas considerações.

Era pois um bello exemplar de portuguez, cavalheiro, distincto, valente e bom.

Honrando-se e aos seus elle conquistou o direito ao nosso elogio fervoroso e á nossa saudade sincera.

Felizmente, para o nosso espirito, o paiz manifestou, inteiro, um verdadeiro pezar; é esta a maior recompensa que um homem pode ter — a saudade dos que ficam.

Viveu estimado, morre no meio do pezar geral; estes factos enaltecerão para os futuros a sua vida e a sua obra.

Hoira á sua memoria.



## CASOS E COISAS

Affirma-se que ainda ha pouco professou n'um convento de Lisboa uma menina.

Perguntar ao sr. Hintze Ribeiro pelos seus decretos sobre as cazas religiosas, pela seriedade das suas leis, é o mesmo que collocar-se uma pessoa nas condições d'aquelle heroe do fado, que canta:

N'este campo solitario  
Onde a desgraça me tem,  
Chamo, ninguem me responde;  
Olho, não vejo ninguem.

Não se pergunta pois, vamos nós dizendo.

Esta senhora professou, e hão de professar muitas mais, enquanto se permittir a educação, a sete chaves, em cazões humidos, sem jardins, sem alegrias, sem sol, no meio de habitos mal cheirosos de irmãs, — que só se lavam ao anno — e batinas de padres — que se não lavam nunca.

É a consequencia da permissão, da tolerancia, d'esses conventos educadores, que mancham aqui e além a alegria das ruas, silenciosos como o sepulcho do Evangelho, como elle caiados por fora e como elle cheios de podridão por dentro.

É a indignidade da excepção que faz com que um professor leigo de uma escola, de uma Universidade,

precize para o ser — de dar provas publicas de capacidade, de ter um curso e uma folha corrida no commissariado de policia; e permite a qualquer ignorante que vista uma batina, ou a qualquer fufia que envergue uma estampanha, lecc onar sciencias, philosophia e moral!

É espantoso.

É isto á porta fechada, sem testemunhas, sem responsabilidades, perante o mais difficil cargo, a arte exigente hoje da maior competencia e auctoridade moral — a arte do ensino, a educação d'um rapaz ou d'uma rapariga.

Em toda a parte, nas cazas seculares, ha a facilidade de indagar de momento, todos os segredos do viver inte-no, com a auctoridade d'um pae ou d'um policia. Alli não: sobrepõe-se a toda a investigação o segredo da eterna conspiração religiosa; a batina suja do padre tapa as fechaduras das portas, barra as grades das janellas, bestializa até á obediencia idiota o cerebro dos serventes, dos dispenseiros, dos creados, das pupillas, das madres.

Esse vago mysterioso viver christão, esse sigillo torpe em que a hypocrisia e o vicio encasulam as libertinagens dos alcorces mysticos, o manto de beatitude e de divindade que cobre os actos dos levitas a começar no confessionario e a terminar no escuro das cellas, o poder da missão elevadissima, sobre a terra, dos padres — os salvadores das almas — tudo isto, protege esse viver anormal e insultuoso das cazas santas, onde fidalgos nescios, pela força d'uma tradição hoje banal, enviam a polluir-se as almas gentis das pequenas filhas e arrastam no caminho as filhas dos burguezes ricos, que julgam approximar assim o cabaz das compras dos velhos brazões armoridados.

O Juizo do mundo não entra alli. Esses histriões da natureza, esses monstros de batina, só dão satisfações a Deus! A sociedade onde vivem, não lhes merece o menor respeito; tem por ella, o mais profundo desprezo. A nossa vida de trabalho ininterrupto, as nossas conquistas de espirito, as nossas sciencias, as nossas artes, as nossas formulas sociaes de direitos novos e de justicia, são para estes neutros, estas mumias de espirito e corpo fétido, eguaes ao latido d'um cão ou ao grunhido d'um porco. Tudo desprezível, tudo miseravel, tudo mun'ano! Se respeitam a Deus, os biltres — os que n'elle creem — é porque o receiam, exclusivamente. Tel-o-hiam assassinado ha muito, se em vez de pairar no segredo insondavel dos espaços infinitos, se sentasse magestosamente na cadeira de S. Pedro — em Roma.

Pobre Deus, ha quanto tempo teria exhalado o ultimo suspiro.

Pertence incontestavelmente á geração actual, perfeitamente illucidada sobre estes assumptos, remediar tanto mal. Vae já longe o tempo dos cavalleiros andantes e dos santos. O homem d'hoje o que ha de viver no seculo vinte, não necessita vibrar o montante; a mulher não tem de professar na velhice, para ir procurar na meia luz dos claustros o esquecimento dos peccados galantes, ou o ultimo amparo da velhice decrepita que a familia lhe negava, por imperfeita e rude. É outro o meio em que se vive, conquistado no marulhar humano ao despotismo do senhor e ao egoismo do papa. Ao homem de hoje é-lhe precisa uma mulher desprendida de tolices, de bruxedos, de lobishomens, de milagres; quando caza, quando colloca ao seu lado uma mulher necessaria que ella o seja, que respeite o seu nome, o envolva no carinho que der aos filhos; que seja a dona de caza na mais completa acceção do termo, boa, meiga, diligente, que seja enfim a escrava dos seus doces e sublimes deveres, em vez de escrava de Maria, ou d'outra qualquer escravidão propria do Entrudo.

Porque, diga-se mais uma vez, em todas as escravidões metaphysicas, mysticas, exploradoras, ha apenas um senhor — é o padre — o delegado do ceu, o chaveiro

do dicto, o que ata e desata, o que distribue graças, indulgencias, absolvições, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

Pobres mulheres! pobres espiritos vibrantes e envoltos n'essa montanha de sophismas, de phrazes doces e ôccas, de blandicias e terrores divinos, de confissões e meditações, de ambiguidades, de soluçantes arrependimentos, de milagres estupendos, de coisas sobrenaturaes, sonhadas, deduzidas, inventadas por toda uma pleiade de videntes, de epilepticos, de fanaticos e de finos malandros, que vem desde a Asia até ao penultimo geral lazarista, até ao ultimo masmarro portuguez!

Pobres espiritos!

Pertence-nos a nós, homens d'hoje. fazer deapparecer de entre o cerebro do marido e da mulher — o cerebro do padre; dentre os seus corações — o coração do padre; dentre o seu amor — o amor do padre! Pertence-nos acabar com esta escravidão real, com esta nodoa, com esta vergonha.

Mas se querem, á força, consentir no ensino por padres, freiras ou professas. se esse é o bom, o melhor, o inimitavel. — façam-no publico.

Mandem abrir as portas d'essas casas, arrancar as grades das janellas, tornar publicas as aulas e as cathedras.

Deixem que possa lá entrar toda a gente a começar pela policia.

São assim os collegios de todo o mundo, porque ha de haver excepção para o ensino, dado por religiosos?

O que receiam? Pois não seria mais honroso e mais util para todos, que se podessem apreciar os seus bellos processos da educação? Não ganharia a propria religião catholica com isso?

Para quê sigillos? grades? penumbras? mysterios? segredos?

Christo ensinou porventura em catacumbas?

O grande poeta allemão, o grande Goethe, morreu pedindo luz! Os padres vivem e morrem pedindo as trevas!

Compreende-se. só ahí vivem e só ahí podem viver: — como os microbios dos pantanos morreriam á luz.

Não abrirão nunca os seus collegios; não quererão que os homens vejam — raça de modestos — os primores da sua educação e ensino. Tudo no escuro, no segredo, que é d'ahi que nascem as profissões e cáem as heranças!

Bemdito seja o sr. Hintze.



### Bairros

Com que então vamos ter um bairro novo, com um nome todo liró, á altura de uma grande capital!?

Ainda bem!

É o bairro da Europa. É de esperar que depois d'este se comecem os da Asia, os da Africa — (os preto tambem ser gente) — da America e da Oceania. Assim ficará completa a manifestação de sympathia pelas cinco partes do mundo.

O novo bairro terá avenidas, ruas, praças, com os mais geographicos nomes. Um encanto por certo, para os moradores.

Depois d'isto só falta que Lisboa tenha um bairro — limpo.

Parece-nos que este seria o primeiro a arranjar: mas o viver no mundo tem as suas obrigações, por isso a Europa ficará antes da limpeza.

Sempre galantes. nós.

### Jardim de Epicuro.

O comico torna-se depressa doloroso quando é humano. Não é verdade que *D. Quichote* vos fez muitas vezes ter lagrimas nos olhos?

E que os livros de uma serena e risonha desolação como *D. Quichote* e o *Candido* são, bem comprehendidos, manuaes de indulgencia, de piedade, biblias de benevolencia.

A Arte não tem por objecto a Verdade.

Esta deve pedir-se á Sciencia visto ser o seu objecto. não á litteratura que não tem nem pode ter outro objecto senão o Bello.

A Chloé do romance grego e o seu Daphnis nunca foram pastores; e. no entanto, agradam-nos ainda. O subtil grego que nos contou a historia não se importava com estabulos nem com cabras. O que lhe importava era a poesia e o amor. E como elle quiz mostrar um amor sensual e gracioso, collocou-o nos campos, onde os seus leitores não iam, porque eram os velhos Byzantinos envelhecidos no fundo dos seus palacios, no meio dos preciosos mosaicos. ou atraz dos balcões onde tinham ganho fabulosas riquezas.

Para alegrar estes velhos tristes. o contista mostrou-lhe dois novos, amorosos. e para que os não confundissem com os vadios e raparigas viciosas das grandes capitães, teve o cuidado de lhes dizer: «Estes de que vos falo viviam outr'ora em Lesbos e a sua historia foi passada n'um bosque consagrado ás nymphas».

Este é aquelle cuidado, que os velhos teem, quando contam historias, que querem que interessem.

Começam, sempre, por: «Quando os animaes falavam» ou «no tempo dos moiros»...

Quem quizer contar uma bella historia tem que sair um pouco da experiencia e do tempo.



### Cantiga triste

Tenham memoria  
Como convém:  
Lá vae a historia  
D'um Pedro Cem.

«Entre a correr  
Por'hi além  
Até saber  
D'onde o chá vem.»

Elle não tinha  
Nem um vintem,  
E uma esmolinha  
Pedia a cem.

E foi á China,  
Não sabem quem?...  
O que, á divina,  
Pedia a cem.

«Minha sacola  
Bago não tem,  
E dar esmola  
E fazer bem!»

Sorte ruim!...  
Pois lá não tem,  
Nem palanquim,  
Nem outro trem!

Vae n'isto passa  
Um certo alguém,  
E esta desgraça  
Chora tambem.

Fado patife  
Tortura-o bem...  
Nem come um bife,  
De fino assem.

— «Tome, irmãosinho,  
Porque isto vem  
Lá do bolsinho  
Da patria mãe.»

Tratou-o o chino  
Com vil desdem,  
Porque é ladino  
Como ninguém!

Com dedos promptos,  
Como convém,  
Dá dôze contos  
Por não ter cem.

Passou fominha  
Qual Pedro Cem,  
Veiu na espinha...  
Dizem, porém,

Em verso breve,  
Lá por Belem,  
Que elle não teve  
E agora tem.

ATTRIBUIÇÕES D'UM EMBAIADOR PORTUGUEZ NA CHINA  
(Segundas Novidades)



Esmola a Pedro Com... não tinha e agora tem!



### A criada e a mulher do leite

GRIADA

O senhora Maria de Canecas,  
Gastou hontem muita agua do seu poco...  
Porque o leite, que veiu p'ra o almoço,  
Tinha as suas *purezas*... às avessas.

LEITEIRA

O que está a dizer, *sôra* Thomazia?  
Se *inté* o meu rapaz, o meu Luiz,  
Foi encher uma bilha ao chafariz  
Adonde vae *tamen* a prima Brazia!

GRIADA

Olhe que o meu patrão papa-manteiga  
Nunca teve nos olhos catarata...  
E, se você do leite tira a nata,  
Elle vae-se queixar ao juiz Veiga!

LEITEIRA

Lá vem esse *papão*! Elle não pesca  
Das coisas com que a vida se governa:  
Se a agua *inté* se gasta na taberna  
Porque faz bem ao bofe — é muito fresca.

GRIADA

Olhe que o Pae do Ceu tambem castiga!  
Vem trovões, vem relampagos, vem raios...  
Nascem os filhos tortos ou cambaios...  
As filhas não se livram da lombriga...

LEITEIRA

Sou labrega, mas falo em termos francos.  
Por que sei como a coisa se resolve:  
— A Santa Madre Igreja não absolve  
Os que usam de gravata e roubam Bancos?...

GRIADA

Pois *antão*, n'este caso, direi eu  
Que esta coisa me causa grande magua:  
— Castiga-se quem dá *a mais* a agua,  
E quem *tira* dinheiro vae p'ra o Ceu!!!



### Separação

Turvam-se os ares, e parece que gravemente, para a igreja catholica — em Franca.

Os francezes comecam a perceber que o encargo annual de cincoenta milhões de francos para o culto é pezadinho para aguentar, com um *deficit* de duzentos milhões a preencher no orçamento. E vae d'ahi o que estão elles a pensar? Em separar o Estado da Igreja! Vae grande panico no Vaticano e grandes preparativos de luta nos arraiaes catholicos.

A Igreja não se quer separar do seu velho esposo de tantos annos, tão dedicado, tão generoso, tão bom — o Estado.

A pobre senhora não acceta o divorcio, que elle lhe propõe, como gastadora e protesta os seus longos serviços, a sua fidelidade e os seus cabellos brancos. A luta será terrivel.

A igreja catholica ambiciosa e avara perder cin-

coenta milhões, assim como n'um azar de roleta, n'um momento, é caso para arreganhar o dente e afiar as garras!

Compare-se no entanto, com a attitude da igreja catholica a da igreja reformada:

«O Synodo, reconhecendo que o principio da independencia reciproca das Igrejas deve ser inscripto no direito das modernas sociedades, convencido além d'isso de que a Igreja reformada está disposta, por sua parte, a accetar com confiança a separação do Estado, quando os poderes publicos a julguem necessaria para todos os cultos, convida a sua Igreja a preparar-se para essa separação».

Isto é que é digno.

De resto ainda se vê como a igreja reformada tem confiança em si propria. Ai da igreja catholica apostolica romana no dia em que as velhas nações deixarem de lhe dispensar a ominosa protecção que lhe dispensam!

Ella começará a pagar no abandono e na guerra a série dos seus despotismos, as suas fogueiras, os seus pôtros, os seus crimes. Em compensação, Jesus Christo poderá levantar mais a cabeça no madeiro da cruz, por que deixará de pezar tanto sobre ella o impudor dos seus levitas, a vergonha religiosa de todos os dias!



### A Odysséa dos caixeiros

Commissões, reuniões, manifestações, abaixo-assinados, pedidos, supplicas, tudo esses pobres rapazes, tão sympathicos e tão pacientes, teem posto por obra, para conseguir uma coisa tão justa, e que até a Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana include nos seus mandamentos. E até hoje, n'essa campanha que já dura ha annos, teem elles sido tão correctos como pouco felizes

Porque será que os senhores patrões, na sua maior parte tão apegados á santa religião e tão cumpridores dos seus preceitos, só n'isto se obstinam em desacatar a e em desobedecer aos seus mandamentos?

Quem é que pôde desvendar os mysteriosos refegos d'um cerebro de patrão?

E nós iriamos jurar que ha tal que diz que não, só para ter o inefavel prazer de que se fale no seu nome.

Depois talvez não seja assim: pôde ser que toda essa luta pertinaz tenha por unico motivo um simples erro arithmetico; porque bem se sabe que para ser patrão, e patrão teimoso, não é absolutamente necessario saber contar.

Elles dizem de si para si, que na renda que pagam ao senhorio pelo semestre se incluem os domingos, e que não lhes fazendo os senhorios um abatimentosinho n'essa *despeza*, tambem não podem elles fazel-o aos caixeiros na *receita*.

E' um calculo profundo, na verdade, mas suas excellencias poderiam pensar que o consumo não augmenta com o terem as lojas abertas ao domingo, assim como não diminuirá tendo-as fechadas n'esses dias, resultando-lhes ainda n'estes casos uma economia... de escripturação.

Pois não é verdade?

Ora vamos lá, corações duros, corações de rocha, corações de bronze, é tempo de abrandar esses rigores!

Os rapazes pedem com tão bons modos, com tanta justiça, promettem tanta gratidão, que vossas excellencias, se não conseguirem precisamente a immortalidade — com o seu assentimento — sempre se arriscam a apanhar o seu vivorio, as suas palmas, e quem sabe até se o seu foguete, o glorioso foguete nacional...



## Arte nova

Todo o poeta almiscarado  
Quando dá mau geito á trova,  
Não diz que o verso é errado.  
Mas que é *verso d'arte nova*.

Aquelle que no costado  
Apresenta uma corcova,  
Quer que o feitio aleijado  
Seja um primor *d'arte nova*.

Aquelle que batotou.  
Nos vinhos que deu á preva,  
Não diz que falsificou.  
Mas que fez vinho *arte nova*.

O que uma casaca velha  
Engraxa e depois escova.  
Chega a entender lá na telha  
Que tem casaca *arte nova*.

Duellista todo assanhado  
Que prometteu grande sova.  
Se vê um dedo arranhado  
Chama ao duello *arte nova*.

Escultor que molda em gesso  
Uma Venus de Canova.  
Se o trabalho lhe sae guesso.  
Diz que é Venus *d'arte nova*.

Padeiro que faz mixórdia  
E o trilho honrado reprova,  
Não pede misericórdia.  
Diz que faz *pom d'arte nobia*.

Só o bondoso covreiro.  
Quando na terra abre a cova.  
Não chega a patarateiro.  
Nem nos impinge *arte nova*.

**D. Amelia**

*Nelly Rosier* mereceu as honras da calúnia, e como sempre injustamente. Não é peça fresca como a *Lagaritixa* ou como a *Zizá*, por mais que o dissessem: tem mais graça do que ellas, e esta muito bem no theatro *D. Amelia* que não tem, diga-se de passagem, compromissos só para dramas e tragedias!...

Original e engraçadíssima saiu muito bem, sendo-nos difficil especialisar papeis, tanta foi a elevação e a unidade por parte de todos na comprehensão das personagens.

Quanto ao mais, rimos, rimos, rimos, rimos... E isto bastou.

Ousamos até recommendal-a como lição ás esposas que tem ou receiam ter maridos... infieis.

**Avenida**

Dêmos por bem empregado o tempo da audição da *Boneca*, peça de boa musica e de enredo interessante, sem os desmandos d'imaginação e de... picante, que maculam a maior parte do moderno theatro francez. Bem montada e muito bem ensaiada, a *Boneca* põe em relevo o talento, o espirito e a formosura de Palmyra e a graça de Alfredo de Carvalho, que é um mestre Hylario a pintar para ministro... em Portugal.

Não ha mais a especialisar, porque todos andaram bem, coisa rara em theatros de mais alta cathogoria...



## MOTE

*Eu disse um dia á saudade  
Que me roubava a alegria:  
Mas ao deixar me chama-a.  
Porque sem ella morria.*

M. M.

## GLOSA

Fui um dia ao meu jardim  
Em manhã serena e pura,  
Pizei por sobre a verdura,  
Doce alegria ia em mim:  
Mas d'um canteiro no fim  
Cruel tristeza me invade;  
Recordo da mocidade  
Momentos que não vêm mais,  
E ao som de sumidos ais  
*Eu disse um dia á saudade:*

Eu pedi á meiga flor  
Na minha fervente prece  
Que não mais apparecesse  
A renovar minha dôr:  
Que d'entre tanto primor  
Fugisse em noite sombria;  
Que anceios d'alma trazia  
A sua côr sem viveza;  
Que me trazia a tristeza,  
*Que me roubara a alegria!*

A flor acabou de ouvir  
O meu triste desalogo;  
Quiz attender o meu rogo  
E começou a fugir:  
Começo então a sentir  
Um fogo que me incendia...  
Coitadinha, desprezei-a.  
Sendo tão pura e tão bella...  
Ai! quiz apartar-me d'ella,  
*Mas ao deixar-me chama-a!*

Vem cá, florinha, flor  
No meu peito sem maldade;  
És tu quem fala verdade,  
Só tu não sabes mentir!...  
E a saudade, indo a fugir,  
Voltou ao vêr que eu carpia...  
Guardo-a; e ninguém guardaria  
Melhor thesouro que amava...  
Porque sem ella acabava,  
*Porque sem ella morria!*



## Expediente

**Aos nossos correspondentes das provincias pedimos a fineza de mandarem liquidar as suas contas do trimestre findo.**

# CEIA DE EMBAIXADORES EM PEKIM



# Comédia

REVISTA  
Semana  
DE  
CRITICA  
POLITICA  
LETRAS  
ARTES  
COSTUMES



# PORTUGUEZA

DIRECTOR—MARCELINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa      REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39      COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO Typ. e lith. R. de Sousa & Salles R. N. do Loureiro, 25 a 29

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)  
Lisboa e provincia, anno (52 numeroes) 1\$000 réis      Brazil, anno (52 numeroes)..... 2\$500 réis  
Semestre (26 numeroes)..... 500 réis      Africa e India Portuguezas, anno... 1\$000 réis  
Cobrança pelo correio..... 100 réis      Estrangeiro, anno (52 numeroes)..... 1\$500 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Traveza da Boa-Hora, 39, 1.º



URBANO DE CASTRO

## URBANO DE CASTRO

Pela indole do nosso jornal, só hoje, um pouco tarde, podemos prestar a Urbano de Castro a homenagem do nosso sentimento e da nossa saudade.

Para todos a sua morte foi um doloroso facto. Amado pelas suas altas qualidades de talento e de bondade, era um bom. O mais rapido convívio com elle dava a impressão d'esta verdade: a sua longa e brilhante carreira jornalística, os seus trabalhos litterarios, justificam a alta fama das suas faculdades intellectuaes, fama aliás justissima.

A morte foi para elle, só bem conhecido de amigos, fugidio do mundo e dos grandes centros,—uma apothese. Todos os jornaes lhe fizeram as mais sentidas referencias, todos lhe enalteceram o caracter, todos lhe aquilataram, por oiro de lei, as prendas do coração. Não discordou uma voz no côro de louvores e, viva Deus, esta harmonia consolou e consola o coração; porque vem dizer que em toda a lama da terra, ha sempre um filão de metal nobre que, se vive sepultado na vaza, apparece sempre que um facto, energico, rude, lhe rasga a derme.

Sêr bom, e consolem-se os tristes e os ignorados. sêr bom é ainda a suprema qualidade da vida! Nenhuma se lhe compara, não ha outra maior!

Urbano de Castro nasceu a 22 de janeiro de 1850. Ia completar 53 annos. Começou, alumno da Escola Polytechnica, a sua carreira nas letras, versejando e collaborando no *Journal da Noite*, de Teixeira de Vasconcellos. Escreveu folhetins no *Diario da Manhã*, em cuja direcção substituiu mais tarde Pinheiro Chagas, e onde fez brilhantes campanhas politicas.

Annos depois fundou-se a *Tarde*, que superiormente dirigiu até a separação Hintze-Franco. A sua lealdade de amigo commum levou-o a abandonar o jornal e a politica.

Foi poeta delicado e correctissimo e produziu tambem para o theatro, recebidas com agrado, as comedias: *No camarim da actriz*, *O misterio da rua da Prata*, *Na aldeia*, e uma revista do anno de 1882 muito festejada no theatro do Gymnasio. *Lisboa por um oculo*. Traduziu o *vaudeville Man'zelle Nitouche* e os *Degenerados de Marcel Provens*.

Era muito conhecedor dos bons auctores classicos e adorava Gil Vicente, cuja celebração propoz n'uma sessão do conselho dramatico e conseguiu ver realizada.

Taes são a breves traços, as notas da vida de Urbano de Castro, cujo funeral veiu ainda provar, na sua concorrência numerosa e elevada, os respeitoes que merecia o escriptor e a sympathia e affectos de que o homem gozava.

A *Comedia Portugueza* depõe sobre o seu tumulo estas pequenas notas de saudade.



## CASOS E COISAS

## Oração ao pão

Lêmos, recolhidamente, como devem lêr-se as orações, a que ao pão fez e imprimiu Guerra Junqueiro, o poeta da *Morte de D. João*. d'A *Musa em ferias* e d'*Os Simples*.

Confessâmos francamente, que o poeta não conseguiu, a despeito das expostas miserias porque passa o grão de trigo, levar-nos a adorar o pão — amalgama de milhares de bagos — sobre o altar da meza. Continuaremos de futuro como até agora a manifestar-lhe a nossa sympathia, — se fôr molle, — comendo-o com manteiga.

\* \* \*

Tem o poemeto oratorio cinco partes. Na primeira se canta o martyrio do grão de trigo, batido na eira, triturado nas mós; pedimos licença para lhe associar o grão de bico, tambem ralado na çira, á paulada, e cozido depois com a verde asselga, ou com o não menos martyr arroz branco, dito, de Venezuela.

Uma lagrima, e cae-se na segunda parte em que calculado em dez mil o numero de grãos que fazem um pão se pede a sua adoração; porque:

São dez mil almas, brancas, côr de lua,  
Transmigrando divinas para a tua!

A razão não é muito clara. Adeante.  
Entra-se na terceira parte que principia:

Sepultura do pão! bocca da Humanidade!

Peço perdão. A bocca é a porta do tumulo, a sepultura é mais em baixo.

Queira corrigir, na segunda edição, em honra da physiologia e da Verdade.

\* \* \*

Enterrado assim o pão, entra-se na quarta parte philosophica. A Humanidade é uma ceara: cada homem um grão de trigo.

De maneira que vós, homens pygmeus,  
Na terra sois o pão de Deus!

Quer dizer: a terra é um forno e nós, amados irmãos, uns pãesinhos.

Aqui o poeta manda que pela *Verdade* a gente se envenene, e se queime e deixe os filhos e o lar, sem nos dizer, porém, quem ou o que seja a tal dama creadora d'estes sacrificios e onde quer que pára.

Pela *Belleza* manda-nos unirmo-nos a Deus, coisa ou pessoa até hoje reputada intangível, e fazermos do universo Espirito e Harmonia! concepção que sobe muito acima da nossa comprehensão humana.

Faca o elle se é capaz e mostre-nol-o depois.

Emfim, pelo *Amor* o poeta manda-nos dar aos desvalidos, o coração, o pão e o vestido.

E, repugnante porcaria, quer que:

Pelo Amor, com teus labios virginaes  
Beija lepras e cançros d'hospitais!

É tanto mais repugnante este mandado, quanto é certo que se dirige ás creaturas virgens, isto é, que ainda não beijaram coisa nenhuma.

Os poetas tem uma grande auctoridade; mas ha de permitir-nos o sr. Junqueiro que lh'a neguemos em assumpto de beijos vomitivos.

\* \* \*

E, terminados os mandamentos, chega-se, emfim, á Oração, em que se pede:

Trigo, dá-nos a candura!  
Dá-nos a alegria!  
Dá-nos a humildade!  
Dá-nos o martyrio!

Dá-nos o Amor e a dor, a paz e a fortaleza!



E falta de generosidade pedir tudo isto ao grão de trigo e esquecer o do milho, da cevada, do centeio, de que se fazem tambem pães, muito saborosos e muito nutritivos.

O poeta acaba de dar um pontapé, com o seu esquecimento ou o seu desprezo, nos referidos grãos, que sabe Deus quantas dores não estarão soffrendo a esta hora!

Maguar os grãos não será indicio de mau caracter: mas é sempre uma irreflexão ou descuido originario de dores futuras.

A linhaça que o diga.

\* \* \*

Depois, o poeta é um pedinchão insuportavel; elle pede ao trigo: a candura, a alegria, a humildade e até o martyrio!

Pedir-lhe a Força já seria bastante; mas pedir-lhe o martyrio! é insultal-o. porque é nivela-l'o com Zulos, Amatongas e outros cavalheiros negros, que taes são os que costumam offerecer aos europeus esse regalo corporeo.

Ora, o trigo é um cidadão branco e delicado, como bem se mostra no pão chamado de Vienna e outros congeneres.

Por ultimo pedido quer que lhe dê: O Amor, a Dor, a Paz e a Fortaleza.

Amor e Dor percebe-se; Amor e Paz, lá nos parece pedir um impossivel; e quanto á fortaleza, não nos diz o poeta, qual seja, se á de S. Julião da Barra, se á do Bugio. Queira esclarecer.

\* \* \*

E a oração termina, por:

Dá-nos ao corpo tudo isto,  
Dá-nos á alma tudo isto,  
E faremos de nós o pão de Christo.  
O pão de Deus, o pão do Bem.

O pão da Eterna Gloria, o pão dos pães. amen!

Estes ultimos versos dão-nos a nota das convicções scientificas e metaphysicas do poeta.

Crê que ha n'elle duas coisas distinctas: *corpo* e *alma* e que ha uma *gloria eterna*. Compreende-se que creia no corpo; quanto á crença da alma, pedir-lhe-hiamos o favor de nos dizer se a julga *pallida* e *nebulosa* como os Esquimos, ou se *tenue como o pollen das flores*, na crença dos Polynésios de Tonga, ou talvez — o que nos parece mais certo —, *subtil com a fórma do corpo*, como a creem os Caraibas.

Estas e outras passagens nebulosas, hão de vir, de certo, explicadas nas futuras orações promettidas nos *Ensaíos Espirituaes* ou no poema *O Caminho do Ceu*.

Porque o poeta, segundo parece se resolve agora a andar de joelhos deante de tudo a rezar. Deante do *Ether* — que não existe — da *agua*, dos *monstros*, do *leite*, etc.

Começou pelo pão. Tomamos a liberdade de lhe lembrar, visto não virem mencionados no catalogo dos adorados, o queijo, o vinho e ainda a classica, luzidia, rainha das martyres, a appetitiva azeitona! Essa *agulha de enfiar decifitros*, como é chamada na pittoresca linguagem popular.

A idéa é de graça.

Muitas outras, diversas e altas considerações poderiam fazer-se ao poemeto — oratorio, sobre sua filiação litteraria, historica e physiologica, que seriam de grande utilidade e ensinamento para os povos.

La fazel-as quando um facto, uma data, me revelou a inutilidade da analyse e me explicou a certa impropriedade dos reparos, até aqui, feitos.

O poemeto foi feito — lá está a data — em 1903. Estamos em 1902. foi pois publicado no anno que vem. Um poema publicado no anno que vem. é logicamente, obra para ser lida no seculo que passou!

E' para o seculo XVIII; deixemos pois a sua critica a Sainte Beuve.

E... *oremus!*



#### Oração ao vinho

Vinho quem te inventou? — Dizem que o pae Noé,  
Que chegou a beber até ficar *garé*.

Mas tambem ha quem diz que o foi o senhor Baccho  
Que nos deu o licor de *envernisar o caco*.

Fosse quem fosse; eu cá não quero saber d'isso,  
Porém sei que elle faz no mundo bom serviço

Nasce em campo qualquer, *viçosa*, uma videira,  
Entra o bago a crescer, marcha para o lagar,  
E, até mesmo co'os pés se deixa esborrachar  
P'ra nos dar o prazer da alegre bebedeira.

Depois entra a ferver, apanha um bom *calor*  
Que muitas vezes pôde até chegar a mais...  
E tudo isto por ser um grande bemeifeitor  
Que gosta de enxotar o frio dos mortaes!

E' mettido na pipa, a qual tem aduellas  
Que o não deixam, sequer, um pouco respirar;  
E atura, paciente, as sordidas mixtellas  
Do taberneiro vil, que só pensa em ganhar.

Soffre o pau de campeche, a bago do loureiro,  
A sangueira do boi que *escorre no curral*;  
E aquillo que lhe deita a sciencia do aguadeiro  
P'ra lhe tirar o aroma e a força natural.

E, finda esta tortura, espantosa azonia  
Que muito, muito passa além de ser atroz...  
E' elle quem espalha a real alegria  
N'este mundo palerma em que vivemos nós!

Portanto, eu rezo ao vinho uma oração fervente  
Sem me importar se Baccho, ou se Noé o fez:  
Saber que a vida é curta, e não viver contente,  
E' de homem parvalhão... que dá p'ra fazer tres!

Ajoelhae, meus irmãos, ó gente muito honrada,  
Ao vinho que a ferver de *Salvaterra* vem;  
E estale por Lisboa a doce gargalhada  
No meio da tristeza e casmurrice. Amen.



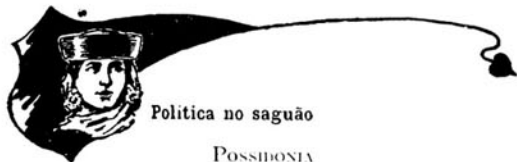
Uma senhora estrangeira de 27 annos — é ella que o diz — annunciou que sabe de francez, allemão e inglez, e deseja correspondencia em portuguez com cavalheiro distincto e de idade para praticar a lingua.

Assim, sem mais nada! Tudo bem pensado conclue-se, que ella afinal, o que quer, é praticar a lingua d'elle. Pois senhora D. Elsa a nossa lingua é que vossa excellencia não apanha lá!

# NEGÓCIOS ESCUROS



Medicina política. Operação de desmembramento d'Angola, pela desarticulação da Lunda



## Politica no saguão

POSSIDONIA

Ó senhora Apparícia Mendes Sá,  
O *Diário de Noticias* veio já?

APPARICIA

Não havia de vir?! E li-o todo  
Porque aquelle papel é o meu engodo;  
Conta dos casamentos principescos  
E nunca sabe usar de termos frescos.  
Aquillo não lhe escapa a facada.  
Um simples beliscão ou bofetada...  
A mulher que se atira da janella  
Porque o marido á noite foge d'ella...  
O boticario quando troca as drogas.  
E d'este mundo as varias gigajogas.  
Diz-nos aonde está o Lausperenne  
Ou outra festa assim, coisa solemne.

POSSIDONIA

Pois olhe, eu cá nasci para ser critica  
E dou o cavaquinho p'la politica.  
Gosto d'estes jornaes muito assanhados  
Que armar sabem as pennas em cajados.  
É cá o meu marido, esse, anda agora  
Sem poder descansar nem meia hora  
Por causa da eleição da freguezia.

APPARICIA

E trabalha a favor da maioria?

POSSIDONIA

Exactissimamente, é como disse:  
Os outros ainda estão na pelintrice.

APPARICIA

Sim... dão pouco carneiro com batatas...  
Contam lérias, promettem pataratas...

POSSIDONIA

Carneiro?! Já fizemos d'isso albôrc;  
Vae ganhar a eleição — tromba de porco.

APPARICIA

Que petisco tão bom!... dá-me no goto,  
É que pena que eu tenho em não ter voto!

POSSIDONIA

O meu homem trabalha com denodo  
Pois deseja tirar o pé do lodo...  
Tem quatro filhos, tem sete afilhados  
E todos andam muito esfomeados.

APPARICIA

Não cuida então da patria e seus revezes?

POSSIDONIA

Tambem já pensou n'isso... algumas vezes...  
Mas resolve, afinal, que a caridade  
Deve principiar pela irmandade.

APPARICIA

E o seu marido aspira a um alto cargo?...

POSSIDONIA

Só quer ter para a ceia arroz de pargo.  
E poder empregar onze rapazes  
Que comem como os lobos mais vorazes.

APPARICIA

Pois pede muito pouco o seu marido;  
Devia ser um homem atrevido  
E pedir o logar de deputado.

POSSIDONIA

Isso é o que elle quer... porém, coitado,  
Não o fadou o ceu para discursos!

APPARICIA

Então que tem lá isso? Os que são ursos  
E nem uma só vez pedem palavra.  
Não deixam de entender muito da lavra.

POSSIDONIA

Mas o meu homem é... muito modesto...

APPARICIA

Um pacovio, bem sei... não diga o resto.  
N'esta coisa, politica chamada,  
Quem não se faz furão não fura nada,  
Adeus, 'té amanhã se Deus quizer.

POSSIDONIA (*benzendo-se*)

Que grande sabichona esta mulher!



## D. Amelia

As *Primeiras Aventuras de Richelieu* são conhecidas dos frequentadores de D. Maria entre 1860 e 1870 — se bem nos lembramos — e resurgem agora com a mesma graça mas com outra traducção. O papel de Richelieu, entregue primitivamente a Emilia das Neves, coube agora a Adelina Abranches para cuja estreia no D. Amelia, foi habilmente escolhido.

Afóra uma demasiada volubilidade, incompativel com a intelligencia da accção, Adelina revelou-se o duque diabrete concebido pelo auctor, e esteve quasi sempre á altura do papel. Rosa Damasceno muito bem como mad. Patin, e Augusto Antunes como barão de Belle-Chasse. Os mais bem, cumprindo-nos louvar a condescendencia com que João Rosa fez de Dubois, simples criado do duque.

A *Andocta* é um novo acto do director d'este jornal, que está por isso mesmo fóra da nossa critica. Só diremos que uma simples historia, profundamente verdadeira e profundamente sentida, empolgou durante meia hora a attenção e o sentimento do publico, commovendo-o até ás lagrimas. N'este monologo Adelina Abranches mostrou a plasticidade do seu talento, dizendo-o e sentindo-o de modo superior. Quizeramos porém mais concentração de voz, mais dor sibilada, quando ella conta a saída da escola, e mais expansão, mais exuberancia de alegria quando ella reconhece, que a sua mentira innocente enganara completamente o director do theatro.

Adelina Abranches foi portanto uma boa aquisição para o D. Amelia, e estamos certos de que o seu bello talento se ha de firmar, esclarecer e depurar em tão boa companhia.

C. M.

## Gymnasio

A *Vermelhinha* é uma peça de graça postíca, fundada no caso original de se fazer uso d'uma porta falsa, rasgada n'uma parede que separa duas familias! A naturalidade do enredo, a logica do desfecho e o primor da representação correm parelhas com aquella base comica. Entretanto seria injusticia não mencionar Merietta e Sarmiento que andaram bem.

O *Espiritismo* agradou-nos completamente: é uma comedia de primeira ordem, tão cheia de graça como de logica, é uma verdadeira fabrica de riso. O actor Ignacio incorporou bem o sr. Strauss, que é um typo interessante de bom homem, em cuja casa todos mandam. Telmo deu um bom dr. Gruber, Alves um excellente Ollendorff e Cardoso um bello dr. Philippe. Os papeis das damas são secundarios: ellas comtudo não desmancharam a harmonia do desempenho que foi em geral bom, á altura da peça e dos creditos do theatro.

## S. Martinho

De Santo Martinho  
Passaram-se os dias  
Nas taes alegrias  
Do dar-lhe p'ra a frente:  
O bom Zé Povinho  
Por essas tabernas  
As maguas eternas  
Fez figa valente.

Não trouxe á memoria  
O horrendo tributo,  
Carrêgo tão bruto  
Que esmaga o que o sente:  
Contou muita historia,  
Lembrou-se do fado,  
Cantou já *chumbado*,  
E riu fortemente.

Andou no Rocío,  
De calças já rotas,  
A dar cambalhotas  
Por modo indecente;  
Do seu senhorio  
Não teve lembrança,  
Pois tinha na pança  
*Briol* excellente.

Devias, Martinho,  
Ter dias eternos  
P'ra os nossos governos  
Marcharem p'ra a frente!...  
Quem entra no vinho  
Só pensa na chufa,  
E paga e não bufa...  
Certissimamente.

## Jardim de Epicuro

Uma theoria philosophica do mundo parece-se tanto com elle, como uma esphera onde se tracem simplesmente os graus de latitude e de longitude — se parece com a Terra.

A metaphysica tem isto de admiravel: tira ao mundo tudo o que elle tem e dá-lhe o que não tem.

O mundo pensado reduz-se a linhas geometricas cuja combinação entretem.

Um systema como o de Kant ou de Hegel pouco differe d'esses artificios com que as mulheres enganam, escrevendo cartas, o aborrecimento da vida.

E' extraordinario como um livro nos pode encantar, sem côres e sem formas, como a natureza o faz nos seus bellos momentos, apenas com pequenos signaes. Estes signaes despertam, ó milagre, em nós, idéas divinas. Um bom verso é como um arco que corre sobre as nossas fibras nervosas. O poeta é um evocador; quando nos fala d'uma mulher que ama, são os nossos amores que elle desperta em nós. Se o comprehendemos somos tão poetas como elle.

Temos em nós, occulto, um exemplar de cada poeta que entendemos.

Pensaes que os amariamos, os lyricos, se nos falassem d'outra coisa, que não fossemos nós? Que illuzão!

Os melhores d'entre elles são egoistas; só em si proprios pensam; e nos seus versos não ha outro assumpto senão elles.

Ensinam-nos a amar; só para isto servem e confessamos que é um bom serviço da sua deliciosa vaidade.

Assim, acontece com as suas estrophes o que se dá com as mulheres: nada mais inutil do que louval-as; a mais amada será sempre a mais bella.

Quanto a obrigar o publico a confessar que é mais bella a nossa preferida, é empreza, não de sabio, mas de cavalleiro andante.

A. France.

## Temperatura

Dizia um collega, descrevendo as qualidades da actriz Adelina Ruas, que ella era uma actriz de *temperatura*.

Faltou ao nosso collega o dizer de que grau e de que qualidade: se interna, se externa. E depois, fez talvez bem em não o dizer, reparando que a informação que leva ao excesso de dizer, ao publico, a temperatura das actrizes, pode filiar-se na ordem das indiscripções prohibidas.

O thermometro, collega, foi feito para fins mais nobres do que o das cartas de namoro na quarta pagina dos jornaes. E preciso honrar Reaumur, Gay-Lussac e seguintes.

Agora, o thermometro... então, hein?



## MOTE

*Uma camellia vaidosa,  
Movida pelo ciúme,  
Acercou-se d'uma rosa,  
P'ra lhe roubar o perfume.*

## GLOSA

Em manhã primaveril,  
Mavioso rouxinol,  
Saudava o roseo arrebol,  
Sob um ceu de puro anil;  
Além doirada, gentil,  
Voava uma mariposa,  
E no voltear caprichoso,  
Sem um momento hesitar,  
Ella escolheu p'ra pousar,  
*Uma camellia vaidosa.*

Mas ai! que foi passageiro,  
Esse transporte d'amor!  
Abandonou logo a flor,  
Bella sim, porém sem cheiro,  
N'isto o alado lisengeiro,  
Pae terno d'um filho implume:  
Nem soltas um só queixume,  
Vendo-te assim desprezada!...  
Diz-lhe a camellia rosada,  
*Movida pelo ciúme:*

«Deus não creou para mim,  
O encanto do fino odor,  
Mas porém deu-me o frescor,  
A graça o mimo sem fim...»  
Então, lhe diz um jasmim:  
«Para que és tão orgulhosa:  
Infeliz a que não gosa,  
O aroma, do oifacto alento!»  
Ella então, cortando vento,  
*Acercou-se d'uma rosa.*

Sorri do prado a ramha,  
Encarando a tresloucada,  
Pois vende-a assim tão chegada,  
O seu desejo adivinha:  
«Tu ris-te da sorte minha!»  
Diz-lhe ella com azedume,  
«Das ditosas é costume,  
Escarnecer das rivaes...»  
E ia-se chegando mais  
*P'ra lhe roubar o perfume.*



## Dentes

O medico ministro da marinha zangou-se por ter de pagar a um dentista os dentes arrancados aos soldados. Quer que os medicos militares lh'os arranquem, porque saem de graça os arrancamentos.

Ainda ha outros modos igualmente baratos: é mandal-os noitar pela Mouraria e Alfama, porque ha por lá quem os arranque a murro.



# O CINTO MILAGROSO

## O cinturão electrico galvanico

Deixára Portugal de ser grande potencia,  
Vagaroso marchava e sempre aborreado;  
E já não era o tal varão assignalado  
Cheio d'aquella aptiga, heroica resistencia!

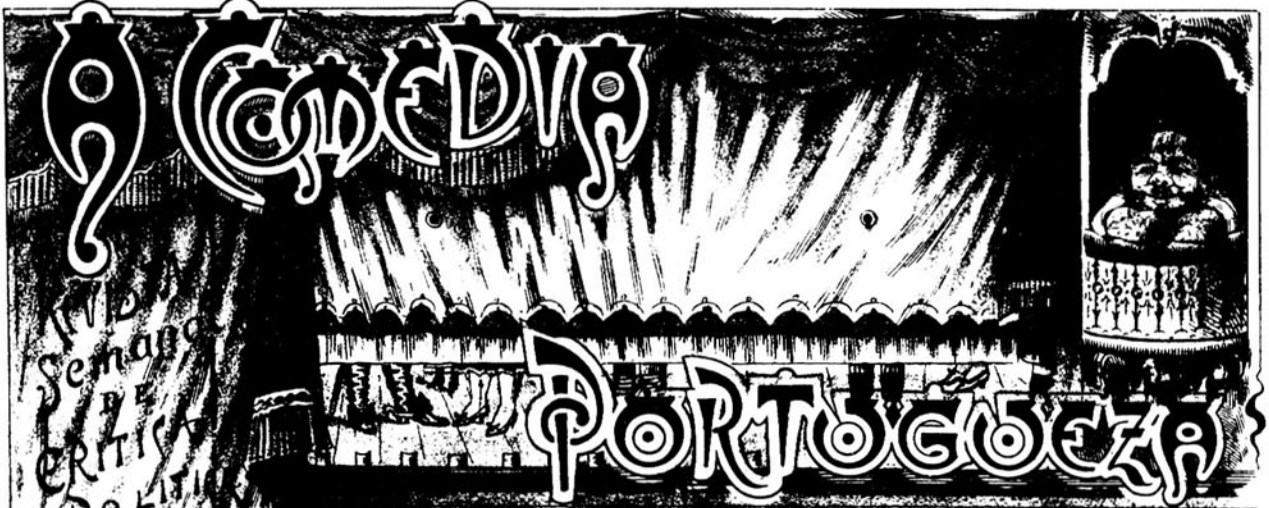
N'isto surge um doutor igual á Providencia  
E vem d'um *Cinturão* valentemente armado;  
Apalpa Portugal; e diz que o aleijado  
Vae dever salvação á sua alta sciencia!

Não mente quem é sabio (acreditemos n'isso)  
O velho assombrará de novo o orbe rotundo,  
A memoria trazendo os tempos do Magriço!

Venha a marcha ao *flambeaux*! E vamos ao Dáfuro,  
Gritando a bom gritar, fazendo reboliço  
Capaz de estremecer a terra, o mar e o mundo!



PORTUGAL — E achas que tornarei a ser potencia?  
Zé — Ora essa; agora, é p'la certa!



IV  
Semana  
DE  
CRITICA  
POLITICA  
ARTES,  
COSTUMES  
LETAS

DIRECTOR—MARCELINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR: Antonio da Fonseca e Sousa  
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: T. DA BOA HORA, 39  
 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Typ. e lith. R. de Sousa & Salles, R. N. do Loureiro, 25 a 39

**ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)**

Lisboa e provincias, anno (52 numeros).....	1\$000 reis	Brazil, anno (52 numeros).....	2\$500 reis
Semestre (26 numeros).....	500 reis	Africa e India Portuguezas, anno ..	1\$000 reis
Cobrança pelo correio.....	300 reis	Estrangeiro, anno (52 numeros)...	1\$500 reis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 34, 1.º



S. M. A RAINHA DE INGLATERRA



## CASOS E COISAS

A primeira vez que passei em Lisboa o dia 25 de novembro. acabava de almoçar quando fui para a janella fumar o meu cigarro. Não era indifferente a este posar de baleão, cigarreando (como diria Alves Mendes) a existencia d'uma adoravel visinha que me inspirava os sonetos d'esse tempo e que eu entrevia por detraz das cortinas da janella fronteira.

Era nos olhos d'essa visinha de todo o estudante, que eu procurava forcas para me agarrar á chimica e me libertava da tentação de emigrar da Polytechnica ante o rosto malicioso do dr. Lourenco, um extraordinario chimico, um sabio veneravel é certo, mas feio como todos os demonios e falando n'uma algaravia que vinha reforçando-se desde as origens saõskriticas até aos radicacs allemães, enfarrapando-se no indio, no portuguez e no francez.

Era um dialecto estranho, babelico, incomprehensivel nos primeiros dias, mas cheio d'uma suavidade, quando comprehendido, de enlevar a nossa alma pelos dominios infinitos dos hydrocarburetos.

Um collega no segundo dia do curso, ao perguntar-lhe: que tal o professor? respondia com Camões:

— Arripiam-se as carnes e o cabelo.

A mim e a todos só de ouvil o e vél o.

Um bom homem, o doutor.

Mas, como ia dizendo, estava eu na minha janella cigarreando quando comecei a notar que toda a gente me olhava com uma insistencia desmedida.

Primeiro, um homem grave que passava lentamente; depois, duas damas que gesticulavam com furia; apos um rancho heterogeneo, uma familia em digressão, depois um outro grupo... e todos pararam a olhar-me, falando, commentando. Que demonio tenho eu, hoje? dizia para mim. E olhei-me todo; fui ao espelho para me convencer que não estava de barrete de dormir, mirei as pernas para me certificar de que me não tinha esquecido de vestir as calças e não encontrando em mim nada de extraordinario, já intrigado com a inspecção, recorri ao extremo de perguntar á dona da casa a explicação do estranho phenomeno.

A boa senhora veiu á janella commigo e explicou: não é para o senhor que olham, é para os escriptos do terceiro andar.

Assim eu fiquei conhecendo um dos costumes mais curiosos e mais caracteristicos de Lisboa — o de procurar casa.

\* \* \*

Mas este habito da entre nós a caracteristica da nossa existencia domestica, — a variabilidade.

Ao canto da sua casa velha e arruinada, da casa onde lhe nasceu um filho ou lhe morreram os paes, um homem do norte, viverá e morrerá incapaz de abandonar ao capricho da imaginação ou da phantasia, esse pequeno mundo, limitado, cheio de recordações boas ou más.

O portuguez varia sempre. Se n'uma casa lhe morre um filho é para elle a maior razão da saida, quando devia ser o primeiro argumento da estabilidade.

E como é na casa é na moral, na consciencia, na creença, na politica, na arte e no refogado.

Anda a vêr por toda a parte escriptos: no partido opposto, em tal logar, n'este negocio, n'aquelle syndicato, na meza d'um rico, no espolio do pobre.

A phantasia do momento é tudo. Por isso anda de cabeça no ar, á procura á procura...

Mas o senhor é amanuense... mas quero ser litterato; V. S.<sup>a</sup> é medico... mas quero ser deputado; mas V. S.<sup>a</sup> é padre, mas quero ser toureiro! Ninguém está no seu logar; todos olham para cima sem verem onde põem os pés ou sem se importarem com o pizo. E' natural concluir que o trambulhão é certo e que o nariz não deve sair pouco acariciado da queda.

Mudar de ar, mudar de casa, mudar de habitos, mudar de estado, parece ser a preocupação constante de nós todos; apenas nos não ocorre a unica mudança razoavel, proveitosa e séria — mudar de vida!



## Recordando...

Uma vez, meu espirito enlevado  
Foi correr mundo, em busca de chimeras,  
Pelas azas do Sonho arrebatado.

Transpôz n'um vôo innumeradas esferas,  
Arrojando-se impavido, á ventura,  
Com a fé e o ardor de antigas eras.

Sem conhecer da vida a face escura,  
Era então um ingenuo paladino,  
E o seu broquel da tẽmpera mais pura.

No Amor sentia os fremitos d'um hymno;  
E a alma universal, como um psalterio,  
Acompanhava o cantico divino.

Oh! que triste illusão! que atroz mysterio!  
Meu rosario de luz, feito saudade,  
Como encontrar-te n'este cemiterio?

Apagou-se em minh'alma a claridade  
Sob a qual eu seguia, pressuroso,  
A conquista do Bem e da Verdade.

Tivesse ao menos horas de repouso  
Meu espirito, apos tamanhas luctas,  
Que eu já não precisava de outro gozo.

Lgrimas... tenho-as, sim! tão mal enxutas,  
Que inda buscam na terra um seio amigo:  
O seio teu, ó pomba que me escutas!

Não podiam achar mais terno abrigo...  
Ah! mas eu não quizera dar-te apenas  
Um coração para chorar contigo.

N'esses teus olhos, com que a Dôr serenadas,  
Ha desejos de paz, não de agonia...  
Permittisse-me Deus horas amenas!...

Fösses tu minha, e o teu amor meu guia!

NARCISO DE LACERDA.



## Um marido sensato

Um periodico norte-americano, publicou ha dias o seguinte aviso na secção de annuncios:

«Jenny, minha *querida* mulher, ou se perdeu ou foi raptada ha coisa de uma semana.

«Se algum se lembrar de m'a trazer para o *ninho* conjugal ou me indicar sequer onde ella se encontra, pôr-lhe-hei immediatamente a mioleira ao sol.»

Verdadeiro yankee.



## Cavaco

E uma companheira antiga que eu tive, que vivia a meu lado continuamente, cuja expansibilidade perenne enchia a minh'alma de uma felicidade communicativa, travou-me do braço, como n'esses bons tempos, e disse-me: — traz a tua carteira e vamos.

Olhei-a pasmado. Ha tanto a não via, a minha irmã gemea da mocidade! Nem uma ruga na face, nem um cabelo branco! Fresca sempre e bella como quando vinha de manhã sentar-se á minha cabeceira, alegre e luminosa como se nascesse da aurora, ao calor dos primeiros raios do sol.

E puz-me a abraçal-a longamente, a beijal-a muito, na boquita escarlate, cheia de risos coados pelos dentes de perolas, como um esfaimado que encontra um prato de caldo, ou um cego que revê ao fim de mezes de escuridão um rosto amado.

— Oh minha amiga, minha boa amiga, que boa idéa tiveste em me procurar.

E desandámos a andar pela cidade. Mas, como fizesse um frio insupportavel e passassemos pelo velho centro do cavaco — o triste Martinho — perguntei-lhe:

— Inda tomas café?

— Sempre. E ia a fazer-me a apologia da bebida...

— O não, não; sem memoria, sim? Guarda isso para a Academia.

Tem tanta graça a tomar café.

V. Ex.<sup>a</sup> não imagina os engraçados refêgos em que contrahe os labios a evitar que o liquido quente lhe toque os dentitos brancos.

Ali pelo segundo golo interroguei: Diz-me, maluca, alguma coisa de novo, que haja, por cá, pela cidade.

— Provinciano... Vê lá como o meio faz o monge.

— D'accordo; mas diuze, grandes novidades theatraes?

— Então: a Bartet (a divina); Le Bary (o petrónico)...

— Fala-me dos nossos, de nós.

— Foi prohibido o *Major Donzella*.

— Porquê?

— Porque era indecente.

— Mas o *Major 36* que é a mesma peça não o foi.

— Hein? O que queres concluir?

— Que sendo o major palavra commum ás duas peças e da maior seriedade; e 36 um numero honestissimo, a indecencia só podia estar em donzella!

Eu ria-me.

— Isto é um paiz, meu amigo, para o qual as donzellas são indecentes.

— Para a policia.

— Mas se a policia é o criterio do paiz, a conclusão é logica.

— As mulheres teem razão; n'esta terra nem uma pessoa pode ser donzella.

\* \* \*

— Ainda fumas?

— Sempre, e agora então!

— Agora então...?

— Que entrou na moda o fumar!

— e do ultimo tom, meu amigo. Ignoras, já vejo, a vida elegante, e pegando friamente n'um jornal enquanto aspirava as primeiras fumaradas do charuto, apontou-me a local e eu li:

«Entre nós tambem já muitas senhoras da primeira sociedade fumam, a começar pelas mais altamente collocadas.

«Já uma vez, na antiga loja do Magalhães do Chiado, tivemos occasião de fumar deliciosos charutos que alguem nos offereceu e que vinham como amostra para uma gentil e elegante senhora da côrte.

«É sabido tambem que se entregam a este delicioso prazer — principalmente s. ex.<sup>as</sup> que fumam do melhor tabaco — uma nobre titular cuja vasta intelligencia é justamente admirada; uma sua intima amiga; uma outra gentil fidalga, menos nova, cujas *soirées* são sempre deslumbrantes, e tantas outras. bom Deus!»

— Ignoravas?

— Ignorava esse requinte do chic. Detesto o uso, a despeito de toda a graça que possa ter um ánnel de fumo evolando-se, modelado por uma bocca appetitosa, a curvetejar na atmospheria perfumada d'um *budoir* feminino.

— Provinciano, vá!

— Ha alguma coisa de selvagem e de ordinario no fumar. Por detraz da boquilha preciosa do gentilhomem que aspira um aromatico charuto de alto preço, apparece, mau grado nosso, com um ar gaiato de troça, o bregueiro pintado do trintanario, que espera os patrões nos atrios, cheio de aborrecimento e de somno.

E como a um naturalista fanatico, para quem o rosto formosissimo d'uma mulher, toda a graça d'um corpo escultural, não alcança esconder a baixa origem e mostra apenas a transformação da especie em virtude do meio. Elle vê por detraz da mulher mais bella, a face comica e peluda do Chimpanzé avô!

Depois, é um vicio que mancha os dentes, corrompe o halito, irrita os nervos... e os dentes, o halito e os nervos d'uma mulher, são com certeza dos mais apreciaveis attributos da sua belleza e do seu caracter.

Ouvir uma senhora declamar um dia:

Meu amigo e senhor, pensa que é barro

Este bello cigarro por que eu berro?

Elle me arranca penugento escarro...

Schoking!

— Mas pode recitar versos da musa franceza:

«Como é bom, como é bom, saborear, de manso,

Em doce embriaguez.

Deitada n'um sofá, com o maior ripanço

Um charuto havanez!»

Essa é a musa alegre, a musa do *boulevard*.

— E uma excepção? Nas «Memorias da Marquiza de Caylus» encontra-se este periodo:

«Quando ella (a Duqueza de Borgonha) não fumava de cachimbo, tomava clystères, deante do bom papá (Luiz XIV). Elle preferia vê-la tomar clystères».

— Que me perdõe o rei-sol. Na collisão... antes cachimbo!

Gostos não se discutem, replicou, com um sorriso garoto, a minha companheira, esvaziando a chavena. Olha que se o *high-life* um dia se lembrar de adoptar como essencia de bom gosto a segunda parte do dilema da duqueza de Borgonha, que remedio temos nós senão applaudir? A elegancia e a graça pode coadunar-se com todos os actos, ajuntei em conselheiro.

Concordámos plenamente n'este ponto.

A minha companheira levantou-se; passava n'este momento pela rua um parvo qualquer: disse-me um rapido adeus, travou do braço do passeiante que lhe sorriu amavelmente e foi-se!

Era a «Alegria» a minha boa companheira, a minha antiga camarada.

É, eu fiquei-me meditando, a pensar mais uma vez que só elles a teem — os idiotas!





S. M. a Rainha D. Amelia

## A ovarina

Ella ahí vae pelas ruas pregoando,  
Pé nu e braço nu. forte. gentil;  
Baronezas, talvez, que vão passando.  
Lhe invejarão a graça feminil.

A voz forte, o pregão, a cor, a pose,  
O modo de encarar o sol e o frio.  
Dizem que allí não ha tuberculose.  
Mas, sim a força d'um pulmão sadio.

Não conhece a cozinha dos francezes;  
Come a pobre sardinha e o pão de milho;  
Porém sempre, no fim de nove mezes,  
Para soldado á patria ol'rece um filho.

Ri da moda; é feliz, respira e canta.  
Velhas cantigas que aprendeu da avó.  
Ao despontar do sol já se levanta.  
Não quer perder nem um momento só.

Não espera que o pobre do marido  
Lhe traga alguns vintens para o jantar.  
Porque o trabalho a tem endurecido...  
E bem haja quem sabe trabalhar!

— Vós, que seguís as impressões primeiras  
Quando louca paixão vos allucina...  
Casar co'uma menina com olheiras  
O mesmo é que casar co'a medicina.

K.

## Bibliotheca

Por uma correspondencia, vê-se, que o novo horario da Bibliotheca de Evora, a faz abrir ao meio dia e fechar ás cinco horas.

E diz o correspondente que é melhor do que o anterior.

Melhor? Mas então quando se podia ir a essa celebre bibliotheca?

Achamos melhor fechal-a; porque existir assim é uma troca.

Ricos empregados levantando-se ás onze e meia para o serviço e saindo ás cinco horas para jantar.

Fechem isso para gloria dos botequins.

Nada de hypocrisias... sobretudo se custam dinheiro.

Rico paiz, em que as bibliothecas estão abertas cinco horas e as tabernas todo o dia e toda a noite.



## Spleen

Doce imagem do amor, doce creanca  
Mimo da carne, estranha gentileza.  
Amas-me? vem; abrigue-te a defeza  
D'uma saudade desdobrada em esperança.

Min' alma é rude como rude heranca  
D'um lavrador d'aldeia montanheza;  
Vem tu illuminar com a belleza  
A escuridão da magua em que balança.

Vem! que hei de assassinar-te, lentamente,  
Com secreto prazer que tu ignoras,  
Rasgando o veu do teu amor ardente:

Amargar-te os dias e as horas  
E sobre o teu cadaver transparente  
Lançar cantando as lagrimas que choras.

MENDO.

## Visitas

O sr. conselheiro Hintze Ribeiro (até rima), continúa na sua faina de grande portuguez (ó Lesseps!) a visitar as casas de medicina. Agora foi ao instituto ophthalmologico.

Ai, meu rico senhor, ha umas cataratas com que não entram bisturis. Nem a dinamite vão! Mas se não foi por causa da catarata, que anda V. Ex.<sup>a</sup> a dar-se ares de se importar, ou de querer fazer alguma coisa util e a sério n'este paiz? As visitas de V. Ex.<sup>a</sup> não teem significação nem utilidade alguma. Os institutos e hospitaes funcionarão do mesmo modo, quer V. Ex.<sup>a</sup> lá vá, ou quer não vá. O que significam essas visitas? O frigidismo nacional.

Frigir, senhor, é popularisar-se, democratizar-se; os grandes homens não *fregem* — occultam-se.

Esteja quieto senhor Pombal da Costa!

## E' lindo

10268 gallinhas e 3.007.042 ovos. Só pela delegação aduaneira de Villa Real de Santo Antonio foram exportados para Hespanha, desde janeiro até setembro do corrente anno, 3.007.042 ovos, no valor de réis 41.607.351, e 10268 gallinhar, no valor de 2.848.740 réis.

Quasi quatro milhões d'ovos. Isto é que dava uma omelete!

Assim é que é proteger a alimentação nacional.

E, depois é sanatorio para aqui, sanatorio para allí... porque a tuberculose, o terrivel phantasma... os pobres...

Sim, Chico, temos conversado.



## Marcha dos beijos

Roscos beijos os dão os namorados  
Na boquinha, que ás duzias os consente;  
Mas o beijo já não é tão ardente  
Quando os dois amiguinhos são casados.

Têm subido valor beijos furtados  
A modista que honesta se apresente;  
Santos os beijos são na avó demente,  
E devem ser, portanto, respeitados.

São mimosos os beijos dos meninos.  
Mesmo quando elles fazem desatinos  
Enspando o calção que nos abafa...

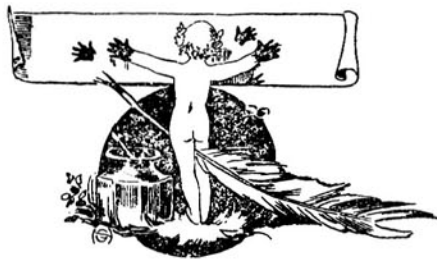
Mas o beijo que a todos aconselho,  
Mais amavel, mais doce, mais vermelho,  
É esse que se dá n'uma garrafa.

## Justiça

A proposito do numero *France et Portugal*, publicado em Paris e largamente distribuido, na redacção do *Figaro*, por occasião da festa feita em honra de El-Rei D. Carlos, o X de C correspondente do *Seculo*, diz:

— Que do livro *Portugal* editado por Larousse, se fez uma edição de 2.000 exemplares e se não venderam, até hoje, mil.

Pois é pena; que o livrinho é feito com uma sinceridade, honestidade e elevação que pedia maior venda. Fica para as mercearias e fica bem.



## Carta a Celestina

Em ti, mulher adorada e distincta, Senhora minha, tenho eu hoje concentrados e resumidos os meus desejos e a minha inspiração; e para celebrar os mysterios do teu amor. — essa nova religião em que tu quizeste iniciar-me, eu hei de descobrir a composição do incenso dos Magos e aprender a linguagem eloquentissima do mar. Então, sentirás toda a grandeza e toda a ternura d'este meu affecto, exprimido em harmonias que só a tua alma comprehenderá, e que serão como um echo das phantásticas ladainhas que o oceano azul e profundo canta de noite ás nebulosas e ás estrellas.

*Spiritus redemptor!* espirito redemptor e gentil! tu incarnaste, como o Verbo divino, para seres a minha esposa prometida, o seio caricioso onde se refugiasse o meu coração, que tantas vezes tem comprimido as pulsações do teu.

*Las honorabile!* sacrario religioso, sacrario honorifico, sacrario de devoção! Hei de vestir de lagrimas e de beijos o teu corpo de estatua e de rainha, — corpo escultural que tem a forma de um vaso etrusco, d'onde se evola um perfume de sandalo, de flôr e de mulher.

Rainha pelo porte, pela formosura e pela nobre raça do teu superior espirito! Quando as rodas do teu carro triumphal passam por sobre o meu coração estasiado, eu sinto o gozo sublimo d'aquelles a quem a Volupia estontêa, e comprehendo a felicidade de sorver a Morte nos beijos com que cubro os teus pés de mar-more róseo.

Saudar-te-hia moribundo, porque a ti devo a Vida, a estranha vida que fez refflorir a dhalia azul da minha crença, a portentosa vida que originou uma resurreição e uma transfiguração. Saúdo-te hoje, e elevo hosannas a ti, porque tu és a Visão corporisada das minhas noites de esperanza, e o meu espirito é como o oceano azul e profundo, que psalmodia de noite os seus hymnos ás nebulosas e ás estrellas.

*Ave, Regina!* Salve, Rainha pela formosura e pela nobre raça do teu superior espirito!

Amas que eu te escreva a traduzir-te os meus sonhos, adoras as minhas palavras, — porque me adoras. Mas tu sabes de que ardente lava eu construi o altar para o culto do teu amor. Como ha de a minha voz exprimir-te o que se não exprime, e esta negra tinta reflectir os clarões de uma phantasia illuminada pela tua luz? Até hoje, só os meus beijos aprenderam a revelar-te este immenso affecto, e só n'elles tu poderás comprehender os anceios febris da minha alma, quando os meus labios percorrem n'uma escala harmoniosa o teu corpo augusto, que estremece e tem ondulações, como o oceano azul, acariciado pelo luar.

E' assim que eu sei falar-te, que eu sei adorar-te, que eu sei enlouquecer por ti. Bemdito seas tu para sempre, Celestina! Bemditos os teus seios, erectos e pequeninos como os de um modelo da Grecia! Bemditos os teus olhos e o marfim da tua bocca! Bemdito o teu regaço onde a minha cabeça descansou na primeira hora do nosso incomparavel amor! Bemditas as tuas petalas, *Rosa Mystica*, flor estranha, calice vivo, onde a minha Aspiração se dessedenta!

Quando, a sós contigo, na serenidade da noite, e luz das estrellas, eu te corôo de margaridas e rosas, a o meu coração se aninha a teus pés, deslumbrado pela tua magestade, pergunto ao Destino porque não hei de ficar eternamente assim, junto de ti e de Deus. Oh Celestina! se tu fosses a castellã antiga, a minha alma seria o fiel *caniche* que iria enrodilhar-se nos teus vestidos, ou o pagem que os solevaria, quando atravessasses as gothicas arcadas do teu solar. Mas tu és um anjo, Celestina! Deixa-me erguer as pennas das tuas azas, a branca fimbria das tuas azas, para que ellas não rocem no lódo d'este mundo.

Não sei, adoravel creatura, que estranho brilho irradiava de todo o teu ser, que nem a propria Sombra chegou jámais a ser profunda e completa, junto de ti. Um sybillino esplendor, um nimbo sagrado exhala-se da tua fronte angelical e serena, semelhante a um effluvio electrico, ou ainda ao palpitar da Via-lactea em noites estivaves. E' assim que os meus olhos conseguem admirar-te nas mais densas trevas, ó sublime creação, gloria viva de Paros! e é assim que o meu espirito te está vendo agora, em toda a tua esplendorosa e ativa nudez, cingida apenas pelo phosphorescente e negro mar dos teus luxuriantes cabellos...

*Ave, Regina!*

N. de L.



## Luz

Não existia o mundo! ao longe, nos espaços, Creio que andavam, rindo, as tremulas estrellas. E, o rouxinol cantava, ao mar, a lua, ás bellas, As canções ideaes dos cálidos abraços.

O mar vergava, ao longe, os grandes lombos baços. No gigante arquejar das horridas procellas, E, os montes colossaes, firmes quaes sentinellas, Tinham o reluzir metallico dos aços.

Era junto da fonte, ao pé do velho olmeiro... Eu nada d'isto vi, nem poderia vel-o Se o meu olhar bebia o teu olhar inteiro!

Como a terra é pequena e se resume e apouca, Se emerge em teu olhar, a luz do sete-estrello, A nossa alma captiva, e soluçante e louca!

IRKAN.

## Rubis

Mr. Moissau, apresentou ha pouco tempo á Academia das Sciencias, de Franca, rubis artificiaes.

Tão bonitos e tão bem feitos, que só o microscopio nos pode dizer a sua fabricação artificial.

Como os rubis não se comem, nem fazem mal, postos nos aneis, é natural que o falsificador seja enviado para as galés.

Naturalmente: porque para um nosso moageiro e padeiro falsificador, foi proposto, á falta de melhor, — um habito de Christo.



## EXPEDIENTE

Participamos aos novos assignantes e compradores da *Comedia Portugueza*, que mandámos reimprimir varios numeros esgotados e que portanto da prxioma semana em diante podem requisitar colleções, que estamos habilitados a enviar-lhes na volta do correio.

A TESOURA POLICIAL

